

*Márcia Dias*

*Os (des)ajustes  
da  
Palavra*

---

1ª edição

---

Temática Editora  
Porto Velho – Rondônia, 2019

Copyright © by Márcia Dias



Rua Marechal Deodoro, 1956 C Centro  
CEP: 76804-098 Porto Velho-RO  
(69) 99246-7839 (WhatsApp)

Comissão Técnica  
Abel Sidney  
Preparação de originais

Rogério Mota  
Arte-final da capa e diagramação

Capa: foto da autora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

D541 Dias, Márcia.

Os (des)ajustes da palavra./ Márcia Dias. – 1. ed. – Porto  
Velho: Temática Editora, 2019.

77 p.; 21 cm

ISBN: 978-65-5025-011-9

1. Poesia. I. Título. II. Os desajustes da palavra. III. Márcia Dias.

CDD 869.1

CDU 82-1

Ao meu pai Mazinho (*in memoriam*),  
que tanto irrigou minha alma de menina.

À minha doce mãe Cleusa  
de quem minha alma é tão próxima.

Aos meus meninos, Cássius, meu marido,  
Caíque e Murilo, meus filhos.

A minhas irmãs Sandra, Cleusimar e Tânia,  
as princesas do pai.

Aos meus sobrinhos Hellen, Ana Carolina, Igor, Victor,  
Douglas, Vinícius, Gabriel, Yasmin, Joaquim e Leo,  
a tia Dedé ama vocês.

Aos amigos de trabalho Auxiliadora e Oziel.

Ao meu amigo querido e poeta Eduardo Martins,  
gratidão pelas (des)cobertas de suas palavras  
na apresentação deste livro.

## Sumário

<i>Apresentação</i> .....	15
<i>O (des)cobrir</i> .....	23
I .....	25
II .....	26
III .....	27
IV .....	28
V .....	29
VI .....	30
VII .....	31
VIII .....	32
IX .....	33
X .....	34
XI .....	35
XII .....	36
XIII .....	37
<i>A (des)esperança</i> .....	39
XIV .....	41
XV .....	42
XVI .....	43
XVII .....	44
XVIII .....	45
XIX .....	46
XX .....	47
XXI .....	48

<i>O (re)lembrar</i> .....	49
XXII .....	51
XXIII .....	52
XXIV .....	53
XXV .....	54
XXVI .....	55
<i>O (re)verso</i> .....	57
XXVII .....	59
XXVIII .....	60
XXIX .....	61
XXX .....	62
XXXI .....	63
XXXII .....	64
XXXIII .....	65
XXXIV .....	66
XXXV .....	67
XXXVI .....	68
XXXVII .....	69
XXXVIII .....	70
XXXIX .....	71
XL .....	72
XLI .....	73
XLII .....	74
XLIII .....	75
XLIV .....	76
XLV .....	77



## *Apresentação*

*A poesia que se descobre*

*Eduardo Martins*

Quando recebi o livro que vocês recebem agora para degustar na tranquilidade de vossas casas, me surpreendi antes mesmo de fazer qualquer leitura e a surpresa tinha ordem diversa e plural porque jamais imaginei que o espírito leve de Márcia Dias também sobrevoasse os segredos da poesia. Por isso, fui tomado por uma curiosidade incomum e um desejo intenso de realizar a leitura tanto quanto antes.

Queria fazer uma leitura do livro como se olhasse para a minha amiga Márcia, procurando a força de sua leveza e a grandeza de seus olhares, procurando em cada palavra (de)composta, a força expressiva de uma alma lírica que começasse por desvendar-se e descobrir-se a partir dos (des)ajustes que se harmonizam pela própria palavra. Uma alma que iniciasse o seu próprio processo de salvação.





Mas qual era essa salvação? Como o mar da Márcia iria fazê-la navegar para as águas distantes que envolvem as próprias profundezas das forças de expressão em seu processo composicional e de sentidos? De que maneira as águas deste mar se agitariam ou ajustariam sem perder a transparência e os mistérios de seu semblante, a ponto de salvá-la do temporal das “(des)cobertas” e dos “(re)versos”? Logo me veio à mente o ensinamento de Octávio Paz ao dizer que a poesia é “salvação, poder e abandono” e que a arte poética é capaz de “transformar o mundo” tornando-se seu alimento, sua sobrevivência e sua redenção.

Assim foi que comecei a ler o livro de Márcia, buscando a salvação que sempre procuro ao me debruçar sobre um livro de poemas, especialmente, sobre um livro de poemas que se faz a partir do jogo proposto pelos próprios (des)ajustes da palavra, um quadrado que parece se constituir na busca da perfeição dos ângulos retos por onde transitam os quatro atos de que se compõe a subjetividade do sujeito feminino nesta expressão, que perpassa e oscila entre o vai e vem do tempo da infância e a consciência de uma maturidade imagética.

É disso que se compõe o primeiro dos ângulos, cujos (des)ajustes revelam extrema força expressiva.



Uma força expressiva que se desenvolve a partir da simplicidade ou da pureza da infância, como se tem no primeiro poema ou ainda na composição do delírio como se tem no último da primeira parte do livro, o XIII. Aqui, registro uma das curiosidades do livro ou da maneira (sem falar em Maneirismo) que Márcia adota de não titular os poemas, de apenas numerá-los, o que se torna um fato, no mínimo, curioso.

Essa primeira parte é também a parte que comporta e compartimenta a expressão singela dos poemas mais leves, que ainda se deixam impregnar pela calma e pelo flutuar espiritual do sujeito lírico, cuja preocupação se dá com a forma de ajuste da expressão de um tempo das emoções. É o que se tem, por exemplo, no poema II, conforme se vê:

## II

Sempre será primavera em mim  
mesmo que o pássaro não cante  
a flor não desabroche  
as folhas não renasçam  
será primavera em mim.



mesmo que o vento seja cálido  
que o inverno me congele  
que os frutos não sejam doces  
será primavera em mim.

mesmo que a semente não nasça  
o rio não desague  
adormeçam as cantorias  
será primavera em mim  
porque a primavera sou eu.

Aqui, sobram as expressões que retorcem os nacos de temporalidade representados especialmente pela dimensão da primavera, que, no fundo, compõe o universo das subjetividades e dos desejos da própria mulher de se colocar integralmente em seu mundo(?) de (des) cobertas que antecipam as verdades temporais e enfáticas: “a primavera sou eu”.

É isto que temos na primeira voz de Márcia, na primeira parte do livro, ainda uma voz que não se fragmentou nas entranhas do tempo, que sabe dos segredos das palavras, mas que ainda não sofreu seus (re)versos, não navegou ainda o mar da (des)esperança, que traz as águas da segunda parte do livro, aquele composto



inevitavelmente pelas experiências de mistério e negação que a palavra traz. Na verdade, a (des)esperança, em parte, é o ângulo e as águas que se presentificam pela rememoração dos tempos idos e os desejos de renovação desse discurso feminino que se tem na alma do sujeito lírico de Márcia. Assim, declara-se a voz:

Eu tinha sorriso leve  
esperança companheira  
amor em demasia.

Restou face contrária  
amargo labirinto porta cerrada

leva contigo isso que restou

O que restou é o que ficou independentemente do desejo das subjetividades. Dos desejos que amplificam as perspectivas e as enunciações do que se sensualiza na alma de uma mulher, cujos princípios são os próprios (des)ajustes da palavra.

Talvez aqui caiba a afirmação de Hugo Friedrich de que “a poesia moderna é o Romantismo desromantizado”



ou, neste caso, descolado do discurso masculino e integrado e renovado no discurso da mulher, em sua (des)esperança. Desta forma tem-se, a partir da própria poesia de negação de que fala Friedrich, a consolidação do espírito novo que se desenvolveu a partir de finais do século XIX, até os dias de hoje, especialmente no que se refere à alma feminina:

XV

Eu quero as flores azuis  
quero deitar-me nesse leito  
devagar, lentamente  
fechar meu olhos  
suspirar

escuta  
é meu gemido

escuta  
é minha alma

escuta  
as flores não estão mais aqui.



Assim, a experiência literária de Márcia, nos parece, está além deste seu primeiro livro, ou pelo menos, além deste fato. Sua poesia alcança, já na partida, uma identidade estilística própria que surpreende pela recorrência com que se apresenta de forma insurgente. É o que se tem no fragmento abaixo em que discurso poético e voz feminina se aliam para trazer à tona a concepção desta modernidade.

Eis que reacende a luz?  
não, a vontade de encontrar a minha alma

em estado saturado  
de loucura?  
de desejo  
de me insurgir

Uma insurgência que se faz por meio do tempo e da memória, o mundo das recordações presentes na terceira parte do livro, o (re)lembrar, coincidentemente, a menor parte. Assim, como diria Octavio paz, este moderno compõe-se de “uma máscara que oculta o vazio”, que preenchamos com nossas lembranças. Neste sentido, “o poema é um caracol”, como diria ainda o teórico, por



onde ressoam todas as correspondências e sensações, todas as memórias distantes...

Neste sentido, a poesia de Márcia nestes (des)ajustes das palavras, alcança ajustes e expressividades originais, porque saúda o mundo da contemporaneidade em suas nuances femininas. É essa matéria, em especial, o mundo das vivências dos desejos femininos que compõe este terceiro triângulo reto do livro, em sua terceira parte. Aqui poderíamos citar vários poemas em que isto ocorre, mas vamos nos limitar, para atender aos ensejos desta apresentação, apenas aos de número XXIII, XXV e XXVI. Aqui, nos parecem mais evidentes estes traços em uma Márcia que veste os (des)ajustes de suas variações.

Por fim e por último, a quarta parte do livro que se apresenta como reaglutinação dos fragmentos ou tecidos de palavras em seus ajustes, regatados pelo estigma do (re)verso, o eterno retorno ao ponto de partida. Tal procedimento é recorrente naqueles que foram considerados grandes na história da literatura, pelo hábito de rever-se ou visitar a outros que indubitavelmente nos formaram e nos emprestaram as nossas sensações e as nossas imagens mais originais. Neste sentido, o fluxo da revisão ou do (re)verso, traduz-se aqui no resgate dos desejos mais intensos, dos grandes afetos, da infância e da própria concepção do que seja ser e fazer a poesia.





*O (des) cobrir*





# I

De vez em quando  
aparece a menina que vive em mim  
em gritos  
gemidos  
sussurros  
desconcertos  
penitente  
ajoelhada  
ela escreve  
tece as ranhuras que os espaços provocaram.  
o tinteiro isolado é presença  
na penumbra  
na escassez  
faz-se luz e abundância  
ela nasce, nua  
descalça  
e se reveste de palavras.



## II

Sempre será primavera em mim  
mesmo que o pássaro não cante  
a flor não desabroche  
as folhas não renasçam  
será primavera em mim

mesmo que o vento seja cálido  
que o inverno me congele  
que os frutos não sejam doces  
será primavera em mim

mesmo que a semente não nasça  
o rio não desague  
adormeçam as cantorias  
será primavera em mim  
porque a primavera sou eu  
uma estação que em mim repousa  
serei sempre primavera.



### III

Vento impetuoso  
forte  
arrasador  
desconcerta o concerto da razão  
movimento que retouça  
desfaz-me por inteira  
dos restos  
gestos  
resquícios de pedaços emoldurados na parede  
rasurada  
rachada  
disforme pelo intrépido balanço  
no sopro  
desonrado  
libertador  
relutante  
retorno à minha metade.



## IV

Solta-me  
quero voar na liberdade de um condor romantizado  
quero cantar as palmeiras devastadas  
compor a canção das margens  
da mata  
da oca  
do gozo feminino abafado  
da lavadeira de igarapé  
do batuque que floreia o deserto.  
Solta-me!  
Quero rasgar-me nas almas domesticadas  
nos sonhos inalados  
sorrisos retorcidos em faces anuviadas.  
Solta-me!  
Quero ir para permanecer.



## V

É hora de ser noite  
de sombra escura que paira na alma.  
de dúvidas acordadas  
tristezas atravessadas

Amanhecendo e estende-se a noite  
de ilusão enluarada  
decepção  
esperança enclausurada

é senhora do castelo  
na janela  
no jardim  
no riso

assustadoramente, é ela quem traz descanso.  
anunciando a aurora  
o dia vem chegando  
de mansinho  
a janela se abre  
despeço-me dela.



## VI

É tempo de vendaval  
de quem vê e não enxerga  
escuta, mas não ouve  
toca, mas não sente

É tempo de vendaval  
tempo de quem recebe e não agradece  
erra, mas não perdoa.  
insinua, mas não diz

É tempo de vendaval  
de quem acolhe, mas não abriga  
chora, mas não inunda  
sente, mas não permite

É tempo de vendaval  
de quem permanece, mas não está  
sorri, mas não floresce  
canta, mas não encanta

esse tempo finda e o que se instala depois do vendaval  
merece virar flor.

